HISTÓRIA DA IGREJA ORTODOXA

Nossa história, nossa missão e nossa caminhada na América

INTRODUÇÃO

Há dois mil anos, Jesus Cristo, o Filho de Deus, veio ao mundo e constituiu sua Igreja por meio dos Santos Apóstolos e Discípulos para a salvação do gênero humano.

A Igreja não nasceu simplesmente como uma organização humana ou como uma instituição criada pela vontade dos homens. Ela é o **Corpo vivo de Cristo**, constituído pela ação do Espírito Santo e destinado a continuar no mundo a obra de salvação realizada por nosso Senhor Jesus Cristo.

Os ensinamentos dos Apóstolos espalharam-se pelas diferentes regiões do mundo conhecido. Comunidades cristãs foram estabelecidas, Bispos, Presbíteros e Diáconos foram ordenados, a Santa Eucaristia foi celebrada e a Fé foi transmitida de geração em geração.

Assim se desenvolveu a Igreja que hoje conhecemos como **Igreja Ortodoxa**, Una, Santa, Católica e Apostólica.

A nossa história deve ser compreendida dentro dessa história maior. Não pretendemos apresentar nossa Igreja como a única presença ortodoxa no continente americano, nem como substituta das demais Igrejas Ortodoxas que aqui existem.

A América recebeu, ao longo dos séculos, diferentes povos, tradições e jurisdições ortodoxas. Gregos, russos, sérvios, romenos, árabes, albaneses e outros povos trouxeram consigo a Fé, a Liturgia e a espiritualidade recebidas de suas Igrejas. O próprio desenvolvimento da Ortodoxia na América ocorreu através de diferentes comunidades e estruturas eclesiásticas.

Nossa Igreja faz parte dessa realidade.

Nossa missão é participar desse grande testemunho, procurando trazer para as terras da América a riqueza da **Fé apostólica, da reta doutrina, da tradição litúrgica, dos Santos Mistérios e da espiritualidade dos Santos Padres da Igreja**.

Não estamos sozinhos nessa missão. Outras Igrejas Ortodoxas também trabalham, em suas próprias jurisdições e tradições, para que a Fé recebida dos Apóstolos permaneça viva no continente americano.

Nossa história é, portanto, uma história particular dentro da grande história da Igreja de Cristo.

1. A IGREJA DOS APÓSTOLOS

A Igreja Cristã teve sua manifestação pública no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos reunidos em Jerusalém.

A partir daquele momento, os Apóstolos começaram a anunciar publicamente a Ressurreição de Jesus Cristo e o Evangelho do Reino de Deus.

Jerusalém foi a primeira grande comunidade cristã. Dali, a pregação apostólica alcançou a Judeia, Samaria, Síria, Ásia Menor, Grécia, Egito, Roma e posteriormente muitas outras terras.

São Paulo destacou-se especialmente por suas viagens missionárias, levando o Evangelho a diversas cidades do mundo mediterrâneo. A tradição cristã também reconhece a missão dos demais Apóstolos na fundação e organização das primeiras Igrejas.

Entre os antigos centros apostólicos encontram-se Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Roma e Constantinopla, cada um com sua própria história e importância na vida da Igreja.

As Igrejas posteriores foram estabelecidas através da atividade missionária das primeiras comunidades, formando progressivamente novas Igrejas em diferentes povos e territórios.

Conclusão

Desde o princípio, a Igreja foi simultaneamente **una na Fé e diversa em suas comunidades locais**. Essa realidade é fundamental para compreender também a presença da Ortodoxia na América.

2. A IGREJA DOS PRIMEIROS SÉCULOS

Durante os primeiros séculos, os cristãos viveram em comunidades organizadas em torno dos Bispos, Presbíteros e Diáconos.

A vida cristã estava fundamentada na oração, na celebração da Eucaristia, na leitura das Escrituras, na catequese, na caridade e na comunhão dos fiéis.

A Igreja primitiva não era simplesmente uma associação religiosa. Era compreendida como o Corpo de Cristo, no qual os fiéis participavam da vida sacramental e espiritual.

Durante esse período, muitos cristãos sofreram perseguições por causa da Fé.

Os Mártires permaneceram fiéis a Cristo mesmo diante da ameaça da morte. Por isso, desde os primeiros tempos, a Igreja passou a honrar sua memória.

Os túmulos dos Mártires eram venerados e, posteriormente, tornou-se costume colocar relíquias dos Santos Mártires no Santo Altar por ocasião da consagração de uma igreja.

O Altar recorda, assim, que a Igreja está fundada sobre o testemunho daqueles que deram a própria vida por Cristo.

Conclusão

A Igreja nasceu e cresceu como comunidade sacramental, episcopal e missionária. Sua força não estava simplesmente em sua organização, mas na Fé vivida, celebrada e transmitida.

3. CONSTANTINO E A LIBERDADE DA IGREJA

No início do século IV, a situação da Igreja mudou profundamente.

Em 313, o Cristianismo recebeu reconhecimento e liberdade no Império Romano. A Igreja saiu progressivamente do período de perseguições e passou a desenvolver publicamente sua vida litúrgica, pastoral e institucional.

Templos cristãos começaram a ser construídos e os Bispos puderam reunir-se com maior liberdade para tratar das questões doutrinais e pastorais que surgiam.

Foi nesse contexto que se desenvolveram os grandes Concílios Ecumênicos.

Conclusão

A liberdade concedida à Igreja permitiu que sua vida litúrgica, teológica e institucional se desenvolvesse publicamente, preparando um período fundamental para a formulação da doutrina cristã.

4. OS CONCÍLIOS ECUMÊNICOS

Para defender a Fé contra heresias e controvérsias doutrinais, a Igreja reuniu seus Bispos em Concílios.

Entre os grandes Concílios encontram-se:

- **Niceia I — 325**
- **Constantinopla I — 381**
- **Éfeso — 431**
- **Calcedônia — 451**
- **Constantinopla II — 553**
- **Constantinopla III — 680–681**
- **Niceia II — 787**

Esses Concílios contribuíram decisivamente para a formulação e preservação da Fé cristã.

Foi nesse contexto que se consolidou o Credo Niceno-Constantinopolitano, professado até hoje na Divina Liturgia.

Conclusão

A Fé Ortodoxa não é resultado de uma elaboração recente. Ela recebeu sua formulação doutrinal através da vida da Igreja, dos Concílios, dos Padres e da transmissão contínua da Fé apostólica.

5. A SAGRADA TRADIÇÃO E AS SAGRADAS ESCRITURAS

Os ensinamentos da Igreja derivam das Sagradas Escrituras e da Santa Tradição, que não são compreendidas como realidades concorrentes, mas como dimensões inseparáveis da transmissão da Fé.

A Santa Tradição compreende a vida da Igreja, os ensinamentos dos Padres, os Concílios, a Liturgia, os Santos, os Cânones, a iconografia e todas as expressões legítimas da Fé recebida dos Apóstolos.

A Igreja preserva essa tradição não apenas em livros, mas na própria vida sacramental e litúrgica.

Conclusão

A tradição não é simplesmente aquilo que pertence ao passado. É a Fé recebida, guardada e transmitida de geração em geração.

6. A SANTÍSSIMA TRINDADE E A FÉ ORTODOXA

A Igreja confessa um só Deus em três Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

Confessa que Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Filho unigênito do Pai, gerado e não criado.

Confessa também o Espírito Santo, Senhor e Vivificador, que procede do Pai.

Toda a vida litúrgica e sacramental da Igreja está fundamentada no mistério da Santíssima Trindade.

Conclusão

A Fé Ortodoxa é essencialmente trinitária. Toda a vida da Igreja nasce do Pai, realiza-se no Filho e é vivificada pelo Espírito Santo.

7. OS SANTOS ÍCONES

A Igreja Ortodoxa venera os Santos Ícones conforme a doutrina confirmada pelo Sétimo Concílio Ecumênico.

A Igreja não adora a matéria, a madeira ou a tinta do ícone. A adoração pertence exclusivamente a Deus.

O ícone é venerado porque representa Cristo, a Mãe de Deus, os Anjos ou os Santos.

A veneração dos ícones está profundamente relacionada ao mistério da Encarnação: o Filho de Deus tornou-se verdadeiramente homem e entrou na história humana.

Conclusão

O ícone testemunha que o Deus invisível entrou na história e tornou-se visível em Jesus Cristo.

8. OS SANTOS MISTÉRIOS DA IGREJA

Na tradição ortodoxa são tradicionalmente reconhecidos os grandes Santos Mistérios:

1. Batismo
2. Crisma
3. Santa Eucaristia
4. Confissão
5. Ordenação
6. Matrimônio
7. Santa Unção

No Batismo, o cristão participa sacramentalmente da morte e Ressurreição de Cristo.

Na Crisma, recebe o dom do Espírito Santo.

Na Santa Eucaristia, participa do verdadeiro Corpo e Sangue de Cristo.

Na Confissão, recebe o perdão dos pecados mediante o arrependimento.

Na Ordenação, recebe o ministério sacramental da Igreja.

No Matrimônio, a união matrimonial é santificada.

Na Santa Unção, as enfermidades do corpo e da alma são colocadas diante de Deus.

Conclusão

Os Santos Mistérios não são meras cerimônias simbólicas. Eles constituem a própria vida sacramental da Igreja e conduzem o fiel à comunhão com Cristo.

9. A IGREJA UNA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA

A Igreja é **Una**, porque tem um só Senhor, uma só Fé e um só Corpo.

É **Santa**, porque sua santidade procede de Cristo e da ação do Espírito Santo.

É **Católica**, porque é universal e não pertence exclusivamente a uma raça, língua ou nação.

É **Apostólica**, porque foi fundada sobre a pregação dos Apóstolos e permanece vinculada à sucessão apostólica e à Fé que deles recebeu.

Quando falamos da Igreja como Una, Santa, Católica e Apostólica, estamos falando da natureza da Igreja de Cristo, e não afirmando que somente uma determinada jurisdição administrativa seja a única expressão ortodoxa existente em determinado continente.

Conclusão

A universalidade da Igreja não elimina a existência de Igrejas locais. Ao contrário, manifesta-se através delas.

10. A EXPANSÃO MISSIONÁRIA DA ORTODOXIA

A missão da Igreja continuou através dos séculos.

Novos povos receberam o Evangelho e foram incorporados à vida da Igreja.

São Cirilo e São Metódio evangelizaram os povos eslavos. Outros missionários levaram o Evangelho a diferentes povos e culturas.

A Igreja demonstrou que a Fé poderia ser anunciada em diferentes línguas e expressões culturais sem perder sua identidade apostólica.

Conclusão

A missão não significa destruir a cultura de um povo. Significa permitir que o Evangelho seja vivido e encarnado legitimamente em sua realidade.

11. A ORTODOXIA NA AMÉRICA

A presença ortodoxa na América desenvolveu-se através de diferentes povos e tradições.

Gregos, russos, sérvios, romenos, árabes, albaneses e outros povos estabeleceram comunidades no continente.

Com o crescimento dessas comunidades, novas paróquias foram fundadas e diferentes jurisdições e estruturas eclesiásticas se estabeleceram.

Por isso, é importante afirmar com clareza:

Nossa Igreja não se apresenta como a única Igreja Ortodoxa da América.

Existem outras Igrejas Ortodoxas, com suas próprias histórias, tradições, jurisdições e comunidades.

Todas elas, cada uma segundo sua própria história e responsabilidade eclesial, participam do testemunho da presença ortodoxa no continente.

Nossa Igreja se compreende como **uma Igreja Ortodoxa entre as demais Igrejas Ortodoxas presentes na América**, com sua própria história, sua própria trajetória episcopal e sua própria missão.

Nossa finalidade é contribuir para que a riqueza litúrgica, espiritual e doutrinal da Igreja Ortodoxa seja conhecida, celebrada e vivida nas terras americanas.

Conclusão

Não precisamos afirmar que somos a única Igreja para afirmar quem somos.

Nossa identidade está em nossa Fé, em nossa tradição, em nossa vida litúrgica, em nossa sucessão episcopal e na missão que recebemos.

12. A IGREJA GREGA AUTOCEFALA DA AMÉRICA E CANADÁ

Dentro dessa história, nossa Igreja também é denominada:

Igreja Grega Autocéfala da América e Canadá

e está historicamente relacionada ao antigo:

Exarado do Patriarcado de Alexandria na América e Canadá

associado ao ministério de **Sua Beatitude o Arcebispo Dionysios Makrogambrakis, de saudosa memória**.

O Arcebispo Dionysios ocupa lugar fundamental na história de nossa Igreja e na organização dessa presença ortodoxa na América.

Sua trajetória está ligada ao Monte Athos, à Terra Santa, à Igreja Ortodoxa Grega na América e posteriormente ao Exarcado do Patriarcado de Alexandria na América.

Conclusão

A denominação e a história do antigo Exarcado fazem parte da identidade histórica de nossa Igreja e ajudam a compreender sua trajetória no continente americano.

13. NOSSO PAI EM CRISTO: ARCEBISPO DIONYSIOS MAKROGAMBRÁKIS

Sua Beatitude nasceu em 15 de agosto de 1919, em Heraklion, na ilha de Creta, Grécia.

Em 1937, foi tonsurado monge no Santo Mosteiro de Iviron, no Monte Athos.

Foi ordenado Diácono em 1940 e Sacerdote em março de 1943.

Durante sua trajetória, serviu na Terra Santa, foi superior de mosteiros, participou da vida eclesiástica de Jerusalém e dedicou muitos anos ao estudo de Patrologia e Teologia.

Em 1963 recebeu a bênção para partir para os Estados Unidos.

Serviu em diferentes comunidades ortodoxas da América e, em 1971, foi eleito Bispo pelas paróquias da Igreja Ortodoxa Grega na América, sendo consagrado ao Episcopado em 7 de março daquele ano.

Em 1982, foi chamado a servir como Exarca do Exarcado do Patriarcado de Alexandria na América.

Em 1986, segundo a documentação histórica apresentada, ocorreu a concessão da autocefalia ao Exarcado, passando o Bispo Dionysios a exercer a primazia da Igreja Grega Autocéfala na América e Canadá.

Permaneceu firme na defesa da Fé Ortodoxa e na tradição recebida dos Santos Padres.

Conclusão

A memória do Arcebispo Dionysios permanece ligada à história da nossa Igreja como a de um pastor que dedicou grande parte de sua vida ao serviço da Ortodoxia na América.

Eis polla eti, Despota!

14. O TOMOS Nº 665 — 26 DE MAIO DE 1986

Entre os documentos históricos relacionados a essa trajetória encontra-se o **Tomos nº 665**, datado de Atenas, em 26 de maio de 1986.

O documento está dirigido ao então Bispo Dionysios Makrogambrakis e registra, em sua tradução simples, a revogação de uma carta anterior, a concessão da autocefalia e o reconhecimento da canonicidade episcopal mencionada no próprio documento.

O original apresentado encontra-se em língua grega e contém selo, carimbos, assinaturas e autenticações posteriores, inclusive referência ao Consulado Geral da Grécia em Boston.

A tradução simples apresentada como parte de nossa documentação histórica registra:

"Concedemos-lhe a Autocefalia e, a partir de agora, trabalhareis universalmente como Igreja Ortodoxa Grega e como antiga Exarquia do Patriarcado de Alexandria na América e no Canadá."

O documento possui, portanto, valor histórico para a compreensão da trajetória institucional do antigo Exarcado e da Igreja associada ao ministério do Arcebispo Dionysios.

15. O TOMOS NÃO É UMA TENTATIVA DE JUSTIFICAR A CANONICIDADE

É importante deixar absolutamente claro o significado com que apresentamos esse documento.

A publicação do Tomos nº 665 não pretende ser uma tentativa de justificar a canonicidade de nossa Igreja simplesmente porque possuímos um documento de autocefalia.

Também não pretendemos utilizar esse documento para estabelecer superioridade sobre outras Igrejas Ortodoxas ou para afirmar que uma Igreja seria legítima e outra não em razão da existência ou inexistência de um documento semelhante.

O Tomos é apresentado porque **faz parte da nossa história**.

É um documento histórico relacionado a uma etapa importante da trajetória do Arcebispo Dionysios e da Igreja que esteve sob sua responsabilidade.

Nossa compreensão da sucessão apostólica não pode ser reduzida a um documento administrativo.

A sucessão apostólica é uma realidade viva da Igreja: está relacionada ao Episcopado, à transmissão da Fé, à celebração dos Santos Mistérios, à continuidade da vida sacramental e à preservação da doutrina recebida dos Apóstolos e dos Santos Padres.

Assim, o Tomos deve ser entendido como **testemunho histórico**, e não como a única fundamentação da nossa identidade eclesial.

Conclusão

Não apresentamos o Tomos para dizer:

"Nossa Igreja é legítima porque possui este documento."

Apresentamo-lo para dizer:

"Este documento pertence à nossa história e testemunha uma etapa importante da caminhada de nossa Igreja."

Essa distinção é fundamental.

16. A MISSÃO DE DOM IOANNIS DE SANTA CATARINA

Depois da trajetória do Arcebispo Dionysios, a missão da Igreja continuou através daqueles que receberam a responsabilidade de preservar e transmitir a Fé Ortodoxa.

Nesse contexto encontra lugar especial a missão episcopal de **Dom Ioannis de Santa Catarina**.

No ano de 2005, Dom Ioannis foi recebido pelo Arcebispo Dionysios, que lhe confiou a missão de servir como Exarca do Brasil.

A partir de então, Dom Ioannis desenvolveu seu ministério pastoral e episcopal no Brasil, trabalhando pela organização das comunidades, pela preservação da Fé Ortodoxa, pela vida litúrgica e sacramental e pela transmissão da tradição recebida.

Essa missão não foi desenvolvida de maneira isolada.

Ao longo de sua caminhada, **Dom Ioannis de Santa Catarina contou com o apoio, o incentivo, a colaboração e a orientação de diversos sacerdotes e Bispos**, que o encorajaram a perseverar na missão de servir à Igreja e à expansão da presença ortodoxa no continente americano.

A missão episcopal, portanto, deve ser compreendida como uma obra eclesial, construída através da colaboração de muitas pessoas que, em diferentes momentos, contribuíram para sua continuidade.

Conclusão

A história de Dom Ioannis não é uma história de iniciativa individual, mas parte de uma caminhada eclesial na qual sacerdotes, Bispos, comunidades e fiéis contribuíram para a continuidade da missão.

17. A MISSÃO NA AMÉRICA DO SUL E NA AMÉRICA DO NORTE

Com o passar dos anos, novas responsabilidades foram assumidas dentro da missão episcopal.

O objetivo não é simplesmente administrar comunidades existentes, mas trabalhar para que a Ortodoxia possa criar raízes nos territórios onde o Evangelho é recebido.

Cada território possui sua própria realidade cultural, social e humana.

Por isso, a missão da Igreja deve procurar formar comunidades vivas, abertas a todos os fiéis ortodoxos, sem distinção de origem étnica.

Conclusão

A missão ortodoxa na América deve ser compreendida como plantação, crescimento e amadurecimento de comunidades cristãs.

18. A IGREJA LOCAL

Cada novo território onde a Igreja Ortodoxa se estabelece deve ser conduzido ao amadurecimento de uma verdadeira Igreja local.

Uma Igreja local deve ser:

- formada pelo povo daquele território;
- aberta a todos os fiéis ortodoxos;

- enraizada na cultura legítima de sua terra;
- servida progressivamente por clero formado em seu próprio meio;
- fiel à Fé Ortodoxa;
- fiel aos Santos Cânones;
- fiel à sucessão apostólica;
- fiel à Santa Tradição.

Esse princípio não constitui nacionalismo eclesiástico.

A Igreja local não deve ser uma Igreja para uma determinada raça.

Ela deve ser:

Uma Igreja local para todos os cristãos ortodoxos daquele território.

Conclusão

A Igreja pode ser profundamente enraizada em sua terra sem deixar de ser universal.

19. O PRINCÍPIO TERRITORIAL E SINODAL

A tradição canônica ortodoxa reconhece a importância da territorialidade e da sinodalidade.

Os Bispos exercem seu ministério em comunhão uns com os outros e dentro de uma ordem sinodal.

O desenvolvimento de uma Igreja em determinado território deve procurar respeitar a realidade eclesial daquele lugar e trabalhar para que a comunidade possa alcançar maturidade própria.

Isso não significa isolamento.

Uma Igreja local madura deve buscar permanecer em comunhão de Fé, Sacramentos e sucessão apostólica com as demais Igrejas Ortodoxas.

Conclusão

A autonomia e a vida própria de uma Igreja local não precisam significar isolamento. Ao contrário, podem favorecer uma comunhão mais madura e responsável.

20. A FORMAÇÃO DO CLERO LOCAL

Uma Igreja que deseja criar raízes precisa formar seus próprios servidores.

Por isso, nossa missão inclui o desenvolvimento progressivo de:

- sacerdotes;
- diáconos;
- monges e monjas;
- catequistas;
- professores de Teologia;
- missionários;
- seminários;

- escolas de catequese;
- instituições de formação;
- estudiosos da tradição ortodoxa;
- candidatos ao Episcopado.

O objetivo não é perpetuar uma dependência administrativa, mas formar uma comunidade capaz de sustentar sua própria vida eclesial.

Conclusão

Uma missão verdadeiramente madura não apenas reúne fiéis: **forma pessoas, prepara ministros e cria condições para que a Igreja possa transmitir a Fé às futuras gerações.**

21. A IGREJA E A CULTURA DE CADA POVO

A Igreja de Cristo é universal, mas sua missão acontece em lugares concretos e entre pessoas concretas.

Quando o Evangelho chega a uma nova terra, ele não precisa permanecer como uma realidade estrangeira.

A língua do povo pode tornar-se língua litúrgica.

A música tradicional pode encontrar expressão na música sacra.

A arte local pode encontrar espaço na iconografia e na arquitetura.

As legítimas tradições culturais podem ser acolhidas e santificadas pela vida cristã.

Assim, a Igreja pode ser simultaneamente fiel à Tradição Apostólica e plenamente enraizada na terra onde vive.

Conclusão

A diversidade cultural não destrói a unidade da Igreja quando permanece integrada à Fé.

22. A REJEIÇÃO DO ETNOFILETISMO

A criação de Igrejas locais não significa criar Igrejas exclusivas para determinada raça ou etnia.

A Igreja Ortodoxa não pertence a uma nacionalidade específica.

Por isso, uma Igreja local deve estar aberta a todos os fiéis ortodoxos daquele território, independentemente de sua origem.

O princípio não é:

“Uma Igreja para determinada raça.”

Mas:

“Uma Igreja local para todos os cristãos ortodoxos daquele território.”

Essa distinção é fundamental para nossa compreensão da missão na América.

Conclusão

A Igreja deve acolher todos aqueles que confessam a mesma Fé, sem transformar a identidade cultural em barreira para a comunhão cristã.

23. A MISSÃO DE NOSSA IGREJA NA AMÉRICA

Dentro dessa realidade, nossa missão é contribuir para que a Ortodoxia continue viva no continente americano.

Nossa Igreja deseja oferecer aos povos da América a riqueza espiritual da tradição ortodoxa:

a Divina Liturgia, os Santos Mistérios, a vida dos Santos, os ensinamentos dos Padres, a espiritualidade, a iconografia, a música sacra, a oração e a doutrina recebida dos Apóstolos.

Não pretendemos substituir outras Igrejas.

Não pretendemos apagar suas histórias.

Não pretendemos afirmar exclusividade.

Queremos simplesmente cumprir nossa responsabilidade diante de Deus e da Igreja.

A missão é levar a Fé às pessoas, formar comunidades, preparar ministros, ensinar a doutrina, celebrar os Santos Mistérios e criar raízes para que a tradição ortodoxa seja transmitida às futuras gerações.

Conclusão

Nossa missão pode ser resumida em uma expressão:

Receber, guardar, viver e transmitir a Fé dos Apóstolos e dos Santos Padres nas terras da América.

24. UMA IGREJA DE RAÍZES ANTIGAS E PRESENÇA VIVA

A Igreja Ortodoxa não precisa escolher entre tradição e contemporaneidade.

Podemos conservar a antiga Fé dos Apóstolos e, ao mesmo tempo, falar à sociedade atual.

Podemos preservar a Divina Liturgia e utilizar a língua compreendida pelo povo.

Podemos venerar os Santos Ícones e utilizar os recursos contemporâneos de comunicação.

Podemos conservar a espiritualidade dos Padres e formar novas gerações.

Podemos manter a sucessão apostólica e, simultaneamente, criar novas comunidades.

A tradição não é uma peça de museu.

A tradição é uma vida que recebemos para transmitir.

Conclusão

Somos antigos na Fé, mas vivos no presente.

Nossa missão é permitir que aquilo que recebemos dos Apóstolos continue dando frutos nas novas gerações.

25. A CONTINUIDADE DA TRADIÇÃO

A história da Igreja não termina com a vida de um Bispo ou de um Patriarca.

Cada geração recebe a responsabilidade de conservar aquilo que recebeu e transmiti-lo à geração seguinte.

Os Apóstolos receberam de Cristo a missão de anunciar o Evangelho.

Seus sucessores receberam a responsabilidade de guardar a Fé, administrar os Santos Mistérios e conduzir o povo de Deus.

Os Mártires testemunharam essa Fé com suas vidas.

Os Padres defenderam-na contra as heresias.

Os Concílios formularam e confirmaram sua doutrina.

Os Monges preservaram sua espiritualidade.

Os missionários levaram o Evangelho a novos povos e terras.

E cada geração continua recebendo a mesma responsabilidade:

receber, guardar e transmitir.

Conclusão

A nossa história não é apenas uma narrativa sobre aquilo que aconteceu no passado.

É uma história de uma tradição viva.

26. NOSSA RESPONSABILIDADE PARA O FUTURO

A missão que recebemos não termina em nós.

Precisamos formar crianças na Fé.

Precisamos preparar jovens.

Precisamos formar famílias cristãs.

Precisamos preparar sacerdotes e diáconos.

Precisamos desenvolver a catequese.

Precisamos estudar a Teologia.

Precisamos preservar a Liturgia.

Precisamos cultivar a oração.

Precisamos criar comunidades capazes de transmitir a Fé às futuras gerações.

O objetivo final é que as comunidades possam crescer, amadurecer e desenvolver sua própria vida eclesial, sempre dentro da Fé Ortodoxa e em comunhão com as demais Igrejas.

Conclusão

A verdadeira continuidade não consiste simplesmente em preservar estruturas, mas em **formar pessoas capazes de receber a Fé e transmiti-la novamente**.

CONCLUSÃO GERAL

UMA HISTÓRIA DE FÉ, MISSÃO E CONTINUIDADE

A história de nossa Igreja está inserida na grande história da Igreja de Cristo.

Começa na pregação dos Apóstolos.

Passa pelos Mártires.

É preservada pelos Santos Padres.

É definida nos Concílios.

É celebrada na Divina Liturgia.

É transmitida pelos Bispos, Sacerdotes, Diáconos, Monges, Catequistas e fiéis.

Chega a novos povos através dos missionários.

E encontra também seu lugar no continente americano.

Nossa Igreja não pretende ser apresentada como a única Igreja Ortodoxa da América.

Somos parte de uma realidade ortodoxa muito mais ampla, formada por diferentes Igrejas, comunidades e tradições que chegaram ao continente americano através de diferentes caminhos históricos.

Nossa história particular está relacionada ao **antigo Exarado do Patriarcado de Alexandria na América e Canadá**, ao ministério do **Arcebispo Dionysios Makrogambrakis**, à documentação histórica do **Tomos nº 665 de 26 de maio de 1986**, e à missão posteriormente desenvolvida por **Dom Ioannis de Santa Catarina**.

O Tomos nº 665 é preservado e apresentado como documento histórico de nossa trajetória. **Não o apresentamos como instrumento para justificar nossa canonicidade nem como argumento de superioridade diante de outras Igrejas.**

Nossa identidade não se resume a um documento.

Nossa história não se resume a um título.

Nossa missão não pertence exclusivamente a uma pessoa.

Nossa responsabilidade é maior:

guardar a Fé, celebrar os Santos Mistérios, preservar a Tradição, formar discípulos, servir ao povo e anunciar Jesus Cristo.

Reconhecemos com gratidão aqueles que vieram antes de nós.

Recordamos com respeito e amor o Arcebispo Dionysios Makrogambrakis.

Reconhecemos o apoio recebido de sacerdotes e Bispos que, em diferentes momentos, encorajaram Dom Ioannis de Santa Catarina a prosseguir em sua missão.

E olhamos para o futuro sabendo que aquilo que recebemos não nos pertence exclusivamente.

Recebemos para guardar.
Guardamos para viver.
Vivemos para transmitir.

Que nossa Igreja possa continuar sendo uma presença ortodoxa viva na América, aberta a todos os fiéis, enraizada na realidade dos povos que aqui vivem e fiel à Fé recebida dos Santos Apóstolos e dos Santos Padres.

Que possamos construir comunidades verdadeiramente cristãs, formar nossos filhos na Fé, preparar novas gerações de sacerdotes e servidores da Igreja e permitir que a riqueza da tradição ortodoxa continue florescendo nas terras da América.

Porque a Igreja não vive apenas de sua história.

A Igreja vive de Cristo.

Cristo é a Cabeça da Igreja.

Os Apóstolos são suas testemunhas.

Os Santos Padres são mestres da Fé.

Os Santos são testemunhas da santidade.

Os Bispos recebem a responsabilidade de guardar a unidade da Igreja.

Os Sacerdotes servem aos Santos Mistérios.

Os fiéis são chamados a viver o Evangelho.

E cada geração recebe novamente o mesmo chamado:

“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”
(Mateus 28,19)

Esta é a missão que permanece.

Esta é a tradição que recebemos.

Esta é a responsabilidade que devemos transmitir.

Cristo é a Cabeça da Igreja.
A Igreja é Seu Corpo.
A Fé é recebida.
A Tradição é vivida.
A missão continua.

Eis polla eti, Despota!